



ARTIGOS GERAIS

A ecumenicidade da espiritualidade sinodal: uma leitura ecumênica do método da conversação espiritual

The Ecumenicity of Synodal Spirituality: an Ecumenical Reading of the Method of Spiritual Conversation

Elias Wolff *

RESUMO: O artigo analisa a dimensão ecumênica da espiritualidade do *Sínodo sobre a Sinodalidade* que a Igreja Católica realiza de 2021 a 2024. Para isso, explicita a ecumenicidade dos pilares do método do processo sinodal — o encontro, a escuta e o discernimento. Mostra que o método da conversação espiritual cria as condições para que no interior de uma igreja se possa escutar o que o Espírito diz através das outras igrejas, para falar de modo a ressoar a voz do Espírito e fortalecer-se no caminhar rumo à unidade na fé cristã. O método deste estudo é a pesquisa exploratória, com análise qualitativa da bibliografia relativa à sinodalidade e ao ecumenismo, com foco nos documentos do sínodo sobre a sinodalidade. A conclusão é que sinodalidade e ecumenismo implicam-se mutuamente no processo espiritual que sustenta as igrejas no discernimento dos passos necessários para o testemunho comum da fé cristã.

PALAVRAS-CHAVE: Conversação espiritual. Ecumenismo. Sinodalidade. Igreja.

ABSTRACT: The article analyzes the ecumenical dimension of the spirituality of the *Synod on Synodality* that the Catholic Church holds from 2021 to 2024. To this end, it explains the ecumenicity of the pillars of the synodal process method — encounter, listening, and discernment. It shows that the method of spiritual conversation creates the conditions so that within a church one can listen to what the Spirit says through other churches, to speak in a way that the voice of the Spirit

* Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

resonates and to be strengthened in the journey towards unity in the Christian faith. The method of this study is exploratory research, with qualitative analysis of the bibliography relating to synodality and ecumenism, focusing on the synod documents on synodality. The conclusion is that synodality and ecumenism are mutually implicated in the spiritual process that supports churches in discerning the necessary steps for the common witness of the Christian faith.

KEYWORDS: Spiritual conversation. Ecumenism. Synodality. Church.

Introdução

O processo sinodal proposto pelo Papa Francisco para a Igreja Católica Romana, entre os anos 2021 a 2024, intensifica a discussão sobre o que é sinodalidade. Esse adjetivo relativo a sinodal procede do substantivo sínodo, em grego *syn-hodos*, que etimologicamente significa “caminhar juntos”. Trata-se de algo constitutivo da igreja, em seu ser e agir, mas pouco observado no cotidiano das comunidades. Por isso, o Papa Francisco surpreendeu os meios católicos com a proposta de um sínodo sobre sinodalidade, e desde o seu início, em 10 de outubro de 2021, surgiram questionamentos sobre o seu significado, seus objetivos, sua viabilidade. O debate teológico produziu um considerável número de pesquisas, nas mais diversas vertentes, enriquecendo a recepção da proposta do papa, mesmo se entre resistências.

Diversas análises sobre esse sínodo tratam de vários temas nele abordados, tratando da “sinodalidade como dimensão constitutiva da igreja e expressão do Evangelho” (Routhier, 2021), sinodalidade e renovação eclesial (Faggioli, 2021), sinodalidade e pastoral (Brighenti, 2022), o significado de “caminhar juntos” (Czerny, 2022), enfim, propõe-se um aprofundamento das várias “sinodalidades” (Mendoza-Álvarez *et al.*, 2021), com releituras teológicas das diferentes etapas do atual sínodo (Rougé, 2024). Observa-se nesses estudos que o ecumenismo é um dos aspectos menos tratados. Este artigo visa contribuir para suprir essa carência, concentrando-se em explicitar a ecumenicidade da espiritualidade sinodal. A tese aqui afirmada é que espiritualidade sinodal e ecumenismo se implicam-se mutuamente, ambos são “moção da graça do Espírito Santo” (UR 1) que possibilita o “caminhar juntos” (*syn-hodos*) na fé cristã. Em particular, verificamos como o método do sínodo, a conversação espiritual, estimula as igrejas no diálogo em busca de convergências e consensos na compreensão e vivência do Evangelho. Afinal, “O Processo Sinodal é também uma oportunidade para aprofundar o caminho ecumênico com as outras confissões cristãs” (Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 2021a, n. 2.4, item 5). Esta pesquisa desenvolve-se em três passos: a explicitação da dimensão ecumênica dos pilares da espiritualidade sinodal — o encontro, a escuta e o discernimento;

o desenvolvimento da ecumenicidade do método da conversação espiritual; e mostra a espiritualidade sinodal ecumênica como um processo sempre inacabado enquanto a Igreja peregrina neste mundo. O método do nosso estudo é pesquisa exploratória, com análise qualitativa de documentos do magistério de Francisco e documentos do sínodo sobre a sinodalidade. E a conclusão é que tanto a sinodalidade quanto o ecumenismo são processos espirituais fundamentais para as igrejas poderem caminhar juntas no testemunho da fé cristã no mundo atual.

1 A dimensão ecumênica dos pilares da espiritualidade sinodal

É importante observar que existe um estreito vínculo entre sinodalidade e espiritualidade. Sinodalidade não indica somente um evento como uma reunião ou assembleia que discute modelos de igreja e projetos de missão. Tal é designado pelo substantivo “sínodo”. Sinodalidade, como adjetivo, é o que dá sentido ao sínodo, indicando a dinâmica do processo sinodal. É o que caracteriza e sustenta as reuniões, os encontros, as conversações como passos da caminhada sinodal. Assim, sinodalidade é o espírito ou a espiritualidade do sínodo, o qual se configura no horizonte de comunhão, partilha, corresponsabilidade entre todos os membros da igreja. Ela forma o ser cristão, ser igreja e a sua missão, modelando comportamentos e atitudes na participação da vida eclesial.

É nessa direção que na homilia de abertura do *Sínodo sobre Sinodalidade*, em outubro de 2021, o Papa Francisco apresentou os pilares da espiritualidade sinodal: o encontro, a escuta, o discernimento (Francisco, 2021). Esses elementos formam a conversação espiritual como método do processo sinodal. E como a sinodalidade “abrange também as relações e as iniciativas comuns com os irmãos e as irmãs das demais comunidades cristãs” (Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 2021b, n. 28), então a pergunta que aqui buscamos responder é: como os pilares da espiritualidade que orienta o método do processo sinodal podem ser compreendidos e desenvolvidos ecumenicamente?

1.1 O encontro sinodal como pilar para o ecumenismo

A espiritualidade sinodal caracteriza-se como a arte do encontro, acontecendo em múltiplas formas, envolvendo pessoas e seus diferentes contextos. Num mundo fragmentado por posicionamentos políticos, ideológicos e, inclusive, religiosos, exercitar a capacidade do encontro é afirmar a possibilidade da convivência das diferenças, ter metas comuns e caminhar juntos para alcançá-las. É a dinâmica das relações interpessoais,

que devem acontecer no interior de uma igreja, entre elas e na sociedade como um todo. Na espiritualidade sinodal, encontro é o jeito de a igreja ser em sua organização interna, e de sair na direção dos outros, estabelecer relações, interações, parcerias, caminhar juntos. Assim, a espiritualidade sinodal sustenta a “cultura do encontro” (EG, n. 220) que o Papa Francisco propõe à humanidade inteira. Tal é condição imprescindível para conviver no mundo plural.

Encontro, como pilar da espiritualidade sinodal, tem uma dimensão ecumênica e, ao mesmo tempo, é o que caracteriza o ecumenismo. O cristianismo é marcado por desencontros de doutrinas, espiritualidades, estruturas eclesiais, práticas missionárias. Para superar tal realidade, o movimento ecumênico propõe encontros para as igrejas conversarem sobre compreensões da fé cristã, de igreja, das formas de anúncio do Evangelho. Tal é uma exigência fundamental na busca da unidade cristã e promove uma sinodalidade ecumênica. Assim, a experiência sinodal extrapola uma determinada tradição eclesial, propondo o encontro intereclesial como caminhar juntos no discipulado de Cristo.

Tais encontros têm dois principais significados: como reunião, para discussão de temas teológicos sobre os quais as igrejas divergem, o que acontece sobretudo pelas comissões oficiais de diálogo; e como seiva espiritual que alimenta essas reuniões e conversações. No âmbito espiritual, encontrar-se é mais que reunir-se para intercâmbio de ideias. É perceber a interioridade profunda das convicções da outra igreja, colher o mistério no qual ela apresenta suas convicções identitárias. Não significa tomar para si tudo o que a outra igreja propõe. Mas compreendê-la em sua razão evangélica de ser. Não há verdadeiro encontro ecumênico se entre as igrejas não houver essa interação espiritual profunda. É nela que a verdade de cada uma se manifesta com liberdade e confiança.

Os encontros dos participantes do *Sínodo sobre Sinodalidade* contam com representantes de outras igrejas, realizando a sua perspectiva ecumênica. O n. 3.1 do *Vademecum para o sínodo* orientou para que na “Reunião diocesana pré-sinodal” tenha a presença de “Delegados ecumênicos e inter-religiosos interessados (e outros que podem não ser católicos, mas que podem contribuir com perspectivas úteis para a Igreja)” (*Vademecum*, Apêndice C), de modo que a fase diocesana do sínodo acontecesse a consulta e a escuta dos “movimentos ecumênicos e inter-religiosos”. E o n. 4.1 do mesmo documento pedia para que a redação das sínteses dessa fase (nacional) se desse por encontros para partilha e escuta dos “grupos ecumênicos”. O mesmo aconteceu na fase continental e na seção da fase universal do sínodo. Assim, fica claro que “O diálogo entre cristãos de diferentes confissões, unidos por um único Batismo, ocupa um lugar particular no caminho sinodal” (Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 2021b, n. 30, item VII), o que acontece como “oportunidade de *encontro* na fé que faz crescer

o vínculo com o Senhor, a fraternidade entre as pessoas e o amor pela Igreja” (Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 2023b, n. 17, grifo nosso).

Dentre os muitos desafios que emergem dos encontros ecumênicos está à disposição das igrejas para reverem estruturas, doutrinas, procedimentos, de modo a permitir que se afirme efetivamente o Batismo comum e, a partir dele, a corresponsabilidade pela missão de testemunhar o Evangelho no mundo atual. Vivido como pilar espiritual, o encontro contribui para consensos ecumênicos sobre a reconfiguração da igreja. Para isso, elas conversam sobre suas formas de se organizar, a relação entre clero e laicato, o lugar e o papel da mulher, o governo eclesial, entre outros. São questões que requerem mais do que encontro de ideias e doutrinas. As igrejas avançam nas convergências se houver um encontro espiritual que sustenta o diálogo teológico-doutrinal. O governo eclesial, por exemplo, é uma das divergências nucleares entre elas. E aspira-se que as igrejas possam, um dia, afirmar juntas: “o exercício da autoridade na Igreja é apreciado como um dom, com o desejo de que seja cada vez mais configurado como ‘um verdadeiro serviço [...] seguindo o modelo de Jesus, que se abaixou para lavar os pés de seus discípulos (cf. Jo 13,1-11)’” (Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 2023b, n. 21). Para tanto, a conversação espiritual favorece na busca de formas de governo que rompa com o verticalismo institucional e doutrinal, o clericalismo que obstaculiza o sacerdócio comum dos fiéis leigos e suas responsabilidades eclesiais. Nisso a Igreja Católica pode aprender algo da prática conciliar e sinodal das outras igrejas. Desenvolve-se, então, uma sinodalidade ecumênica como encontro e intercâmbio de vidas. Por ela, as igrejas podem

avizinhar-se mais umas às outras no modo de viver [...] habituar-se umas às outras, orar junto, trabalhar junto, viver junto [...]. Por isso, este ecumenismo da vida não é entendido de modo estático, mas um processo de cura e de crescimento (Kasper, 2006, p. 104).

Dois elementos destacam-se no encontro sinodal ecumênico:

a) A acolhida mútua

Todo verdadeiro encontro cria possibilidades para que as igrejas se acolham mutuamente. E isso estabelece ricas parcerias no testemunho comum do Evangelho. Serve para as relações ecumênicas o que diz o n. 7 do *Instrumentum Laboris* da primeira fase do Sínodo em 2023: “caminhar juntos, ou seja, tornar-se sinodal é o caminho para nos tornarmos verdadeiramente discípulos e amigos daquele Mestre e Senhor que disse de si: ‘Eu sou o caminho’” (Jo 14,6).

“Tornar-se sinodal” é um caminho também ecumênico, que enriquece a consciência da identidade e vocação da igreja pela interação entre os diferentes jeitos de caminhar que se complementam, permite reconhecer

os valores que cada igreja oferece para o caminho de fé ser mais seguro, leve, possível de ser percorrido conjuntamente. Para isso, o *vademécum* do processo sinodal propõe como atitude sinodal “curar o vírus da autossuficiência” (Secretaria Geral do Sínodo, 2021a, n. 2.3). Isso aplicado às igrejas, apresenta o desafio de discernirem os valores de umas e de outras que são inerentes ao ser cristão e ser igreja. Tal discernimento

requer uma atitude kenótica de cada tradição eclesial. Saber que não esgota em si própria o mistério da Igreja de Cristo e, portanto, reconhecer a manifestação da Sua Igreja também em outros espaços. Então, cada tradição eclesial precisa estar disponível para mudanças, reformas e redimensionamentos necessários [...] precisa acolher as formas plurais como a Igreja de Cristo se expressa, conviver e se enriquecer com elas (Wolff, 2023, p. 52).

Para tanto, o *Documento de Trabalho para a Etapa Continental do Sínodo*, propunha “Relançar o compromisso pela unidade dos cristãos, como testemunho num mundo fragmentado” (Secretaria Geral do Sínodo, 2022, n. 49). O *Instrumentum Laboris* para a primeira seção do sínodo (outubro, 2023) mostra que as igrejas têm um longo caminho a percorrer nessa direção, enfrentando juntas o desafio de mostrar ao mundo que na Igreja de Cristo “reina a perfeita comunhão entre todas as diferenças que a compõem” (Secretaria Geral do Sínodo, 2023b, n. 7).

Enfatizamos aqui que isso é um processo espiritual, no qual a acolhida e a parceria ecumênicas são fundamentais para a sinodalidade ecumênica. E reconfigura a igreja em seu *modus operandi et vivendi*, com importantes implicações para a missão. As diferentes tradições eclesiais podem buscar juntas novos meios e novas estruturas que as impulsionem na busca da comunhão em Cristo. Esse ideal as impele a trabalharem juntas num processo de reformas estruturais que possibilitem a corresponsabilidade de todas nos processos de discussão e decisão sobre a evangelização no mundo atual. Tais são consequências práticas dos encontros ecumênicos que possibilitam acolhida mútua e parcerias, conseqüentes da espiritualidade que fortalece o caminho sinodal ecumênico das igrejas.

b) Diaconia

O encontro ecumênico, vivido espiritualmente, é um importante meio para as igrejas prestarem um serviço de fraternidade, solidariedade, inclusividade na promoção da vida humana e da criação. No atual mundo globalizado, há tentativas de assimilação, subordinação e negação do valor das identidades minoritárias, pobres e vulneráveis. Posturas que se pretendem hegemônicas buscam afirmar padrões de vida que negam as diferenças e impõem o uniformismo onde impera o integrismo, o exclusivismo e o extremismo, como continuidade de processos neocoloniais. Além disso, tendências culturais e filosóficas na perspectiva do relativismo fragmentam e fragilizam o valor das especificidades das culturas locais. Conclui o Papa Francisco: “Vivemos uma cultura do desencontro, uma

cultura da fragmentação, uma cultura na qual o que não me serve jogo fora, a cultura do descarte” (Francisco, 2013a). Isso conduz ao colapso da sensibilidade frente à grande parcela da humanidade que vive em situação de vulnerabilidade pelo desemprego, a pobreza, a fome, a migração forçada, enfim, sem acesso aos recursos necessários para uma vida digna.

Vivendo e promovendo encontros ecumênicos, as igrejas podem se fortalecer na promoção da diaconia social. As igrejas ajudam as pessoas a viverem o “encontro como cultura” (FT, n. 216-217), o qual é mais do que cruzar-se com alguém pelo caminho, pois no simples cruzar alguém “olha, mas não vê; ouve, mas não escuta” (Francisco, 2016). E isso gera indiferença. O ecumenismo torna-se diaconal quando sensibiliza para encontros sociais com experiência sensorial: sentir a outra pessoa, olhar nos olhos, tocar com as mãos, abraçar. O trabalho dos sentidos exige e gera atitudes como parar, dar tempo, dirigir a voz e o olhar, estender a mão. Como consequência, essa forma de encontro possibilita compaixão e acolhida da alteridade sofrida que se manifesta, como exemplifica a parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37) e na vivência dos critérios para entrar no Reino (Mt 25,31-46).

Desse modo, o processo sinodal ecumênico propõe o encontro como contraponto a um estilo sociocultural global que distancia pessoas e povos pela “surdez insolidária” (Bennassàr, 2002, p. 176). O ecumenismo torna-se diaconia nos encontros que afirmam o valor e a dignidade da alteridade, independente de sua condição social ou religiosa, sobretudo das pessoas pobres e injustiçadas. O *Documento de Trabalho da Etapa Continental* afirma a necessidade da “colaboração concreta e cotidiana sobre preocupações comuns pela justiça social e ambiental” (Secretaria Geral do Sínodo, 2022, n. 47), e de “ouvir o grito dos pobres e os da terra” o que acontece “colaborando e dando vida a alianças com outras confissões cristãs” (Secretaria Geral do Sínodo, 2022, n. 45). Aqui a fé cristã, em parceria com outras expressões religiosas e as culturas, integra ações de solidariedade e caridade com o princípio da justiça social. Para isso, vai além do assistencialismo que deixa as pessoas pobres numa situação de passividade (FT, n. 187), possibilitando-lhes expressão e participação social como sujeitos da própria história. Desse modo, a diaconia ecumênica é fundamental para a afirmação dos direitos sociais das pessoas pobres e vulneráveis, integrando-as na sociedade com políticas públicas que lhes assegure as condições necessárias para viver com dignidade.

1.2 A ecumenicidade da escuta sinodal

O segundo pilar do método espiritual do sínodo é a escuta. Todo verdadeiro encontro leva à escuta e à fala igualmente verdadeiras e honestas. É uma escuta atenta das pessoas participantes do *syn-hodos*, escuta espiritual das situações nas quais vivem e do que elas têm a dizer sobre

as realidades contextuais. O exercício da escuta como processo espiritual sinodal requer silêncio, meditação sobre o que a outra pessoa diz, para compreendê-la na sua verdade e no mistério que a envolve.

A escuta espiritual é um pilar também para o ecumenismo. As igrejas progridem na fiel captação da voz do Espírito, buscam o entendimento da Sua fala nos Evangelhos, nos sinais dos tempos, na história do Povo de Deus. Isso as desafia a “uma escuta do Espírito por meio da escuta da Palavra, da escuta dos acontecimentos da história e da escuta mútua como indivíduos e entre as comunidades eclesiais” (Secretaria Geral do Sínodo, 2023b, n. 22). Esse processo lhes estimula a responderem juntas às interpelações do Espírito, como exercício espiritual que acontece de modo orante na interioridade de cada tradição eclesial, buscando captar o significado profundo da experiência do caminho ecumênico, seus paradoxos e revelações, a mudança de consciência que daí resulta, bem como uma síntese das visões e percepções que o Espírito possibilita na busca da unidade. É uma dinâmica interna a cada igreja, mas que se expressa nas relações entre elas, criando um ambiente favorável para processos de conversão ecumênica, revisão de teologias, estruturas e práticas, de modo a buscar maior coerência interna com o conteúdo do Evangelho e, simultaneamente, favorecer para convergências e consensos com outras igrejas. Podemos entender ecumenicamente que “A sinodalidade é um caminho privilegiado de conversão, porque reconstitui a Igreja na unidade: cura suas feridas e reconcilia a sua memória, acolhe as diferenças que comporta e a redime das divisões que se inflamam” (Secretaria Geral do Sínodo, 2023b, n. 28). Na escuta sinodal ecumênica presta-se respeitosa atenção espiritual à outra igreja, partilham-se distintas do Evangelho, faz-se intercâmbio de impressões, sensações, experiências. Todas as igrejas podem falar, com base na própria experiência do Evangelho, que vale mais que a ideia ou a doutrina, pois a experiência é o que dá segurança e coerência à fala. Ter a possibilidade de falar e ser escutada é um processo espiritual ecumênico que liberta as igrejas de resistências que uma pode ter em relação à outra, e isso as transforma e as coloca no horizonte de conversão. Afinal,

um processo sinodal não é completo sem encontrar as irmãs e os irmãos de outras confissões, partilhar e dialogar com eles e comprometer-se em ações comuns. As sínteses exprimem o desejo de um mais profundo diálogo ecumênico e a necessidade de formação a este respeito (Secretaria Geral do Sínodo, 2022, n. 22).

Desse modo, a escuta sinodal integra as igrejas numa dinâmica coletiva de abertura mútua. Não é mera sondagem da outra igreja, mas busca de compreensão da verdade do Evangelho que ali se encontra, de captação do *sensus fidei* e o *sensus ecclesiae* em cada tradição cristã. Compreende-se que cada uma tem sua parcela do “depósito da fé” confiado pelo Espírito a todo o Povo de Deus. A escuta da fé cristã na outra tradição eclesial permite compreender como ela preserva, professa e transmite esse depósito.

É o exercício de apreender “o que o Espírito diz às igrejas” (Ap 3,6) como elemento constitutivo da sinodalidade ecumênica, de modo que conclui o *Relatório de Síntese da I Seção do Sínodo sobre a Sinodalidade*, (outubro, 2023), “não pode haver sinodalidade sem a dimensão ecumênica” (Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 2023a, n. 7, letra b). Ouvir o Espírito através da escuta da outra igreja requer humildade para acolher a verdade cristã por vozes diferentes. Nisso, “uma Igreja sinodal deseja ser humilde e sabe que deve pedir perdão e que tem muito a aprender” (Secretaria Geral do Sínodo, 2023b, n. 23) com quem caminha junto. A escuta mútua é um processo espiritual que busca identificar e distinguir as moções do Espírito na história de cada igreja, no mundo, nas realidades humanas que apelam o testemunho comum da fé: “E se realmente acreditamos na ação livre e generosa do Espírito, quantas coisas podemos aprender uns dos outros” (EG, n. 246). Então, as igrejas têm condições de responderem juntas às interpelações que o Espírito faz para a vivência da comunhão na fé em Cristo.

a) Da escuta ao diálogo

O Vaticano II colocou a Igreja Católica em postura de diálogo com o mundo (GS, n. 3.40; PO, n. 12; CD, n. 13), com outras igrejas (UR), com as religiões (NA; DH; GS, n. 92; AG, n. 16, 34, 41), e as pessoas de boa vontade (AA, n. 14). O Papa Francisco segue nessa direção, mostrando que a arte da escuta é base para a construção do diálogo, algo bem presente no seu magistério. Na *Evangelii gaudium*, o papa propõe o diálogo entre as diversas instâncias da igreja, capaz de impulsionar reformas amplas e profundas (EG, n. 27-33); na *Laudato Si'*, faz “um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do planeta” (LS, n. 11); na *Fratelli tutti*, afirma “a cultura do diálogo como caminho” (FT, n. 285) para a construção da fraternidade universal e a amizade social. Francisco visa “projetar uma cultura que privilegie o diálogo como forma de encontro” (EG, n. 239), favorecendo consensos em vista de um mundo para todos, na convivência pacífica entre povos, culturas, saberes e expressões de fé. Essa é uma fundamental contribuição da igreja para o mundo plural no qual vivemos, na convicção de que o diálogo possibilita uma “harmonia pluriforme” (EG, n. 220) na qual as diferenças confluem para o bem comum.

É explícita a ecumenicidade do escutar e do falar no ensino de Francisco, e o sínodo sobre a sinodalidade assume essa proposta: “No caminho que percorremos, esse aspecto da sinodalidade (o encontro e o diálogo) emerge com força especial em relação a outras Igrejas e Comunidades eclesiais, às quais estamos unidos pelo vínculo de um só Batismo” (Secretaria Geral do Sínodo, 2023b, n. 24). O diálogo é condição para o entendimento mútuo sobre a forma de ser cristã/o que melhor condiz com a vontade de Cristo para a sua igreja. É condição para as igrejas superarem tensões e conflitos

históricos causados pelas divergências doutrinárias, que persistem em nosso tempo. Assim, o diálogo é estruturante da caminhada sinodal ecumênica, por ele as igrejas vão redefinindo caminhos, acertando os passos e esclarecendo a direção a seguir para alcançar a meta da comunhão na fé.

Numa dinâmica espiritual, o diálogo procede como resposta e contribuição ao entendimento do que se escuta, e possibilita a continuidade do encontro. Sem diálogo, o encontro acaba, aliás, sequer acontece. No pensamento de Francisco há uma relação intrínseca entre encontro e diálogo, o encontro permite o diálogo, e este é continuidade daquele pelas conclusões e consensos que possibilita. Mas o encontro precede, é a base e o ponto de partida do diálogo. Estudiosos entendem que o “encontro” é “menos concreto e instrumental, mas mais amplo e envolvente” (Núñez; Saúco, 2010, p. 14). O “encontro” é “externamente menos formal e internamente mais comprometido”, mas ambos levam a algo essencial para que aconteçam, “a fusão de vontades” (Núñez; Saúco, 2010, p. 14). E assim, encontro e diálogo tornam-se uma “cultura”, um estilo de vida, que possibilitam convivência, relações harmoniosas, entendimento mútuo entre pessoas e grupos. Trata-se de uma responsabilidade compartilhada e a soma de esforços para superar conflitos que fragmentam e dividem.

É de se esperar que as igrejas envolvidas no movimento ecumênico saibam acolher a proposta do sínodo sobre a sinodalidade como uma privilegiada ocasião para fortalecerem as iniciativas de encontro, escuta e diálogo. E mais do que estratégias para se obter convergências e consensos, tal deve ser entendido e vivido, primeiramente, como um processo espiritual, que sustenta a conversão sinodal e ecumênica em cada tradição eclesial e na relação entre elas. Somente assim pode-se esperar algum progresso no intento de se chegar à comunhão no entendimento, na vivência e na proclamação do Evangelho.

b) A finalidade do diálogo

Com o diálogo, busca-se a verdade (DH, n. 3; EG, n. 250) na qual se assenta a construção de “uma comunidade de pessoas” (GS, n. 23), o “amor civil e político” (LS, n. 222-227), a edificação da igreja (EG, n. 20-24). O tema da “verdade” é aqui proposto na perspectiva da teologia cristã como sendo Cristo e seu Evangelho, base da comunhão que se busca entre as igrejas. Para apreender e viver essa verdade, as igrejas precisam estar abertas à escuta e ação do Espírito Santo que, como o vento, “sopra onde quer” (Jo 3,8). O encontro na verdade do Espírito é o que faz com que o diálogo ecumênico possibilite o mútuo reconhecimento e a mútua acolhida entre as igrejas. Isso conduz a uma devida compreensão das diversas “famílias interconfessionais” e das “necessidades específicas” (Secretaria Geral do Sínodo, 2022, n. 49) que se manifestam no atual pluralismo eclesial, capacitando as igrejas para atender a tais necessidades. Dentre elas, está

a necessidade do consenso na doutrina cristã, da comunhão espiritual, da colaboração na missão. O *Documento Preparatório do sínodo* observa os desafios no mundo religioso atual, como “um fundamentalismo religioso que não respeita a liberdade dos outros” (Secretaria Geral do Sínodo, 2021b, n. 8), e “Não raramente os cristãos adotam as mesmas atitudes, fomentando inclusive divisões e contraposições” (Idem, n. 8). Dialogar sobre isso é de fundamental importância para que as igrejas se reconheçam na verdade da única Igreja de Cristo. Essa é a utopia ecumênica, difícil de ser afirmada, mas urgente para o nosso tempo. O n. 2.3 do *Vademecum para o sínodo* orienta, entre as atitudes para participar do sínodo, a postura de “Aproximação através do diálogo ecumênico e inter-religioso: sonhar juntos e caminhar uns com os outros através de toda a família humana”.

Assim, a espiritualidade sinodal e ecumênica dá ao diálogo a finalidade de possibilitar que “o dom do mesmo Batismo” seja partilhado, de modo que a “conversão sinodal interna” à tradição católica romana “tornará crível o compromisso eclesial no trabalho ecumênico” (Méndez Fernandez, 2021, p. 268). Desse modo, o diálogo como pilar da espiritualidade sinodal é fundamental para a superação da divisão cristã, auxiliando as igrejas num testemunho do Evangelho que seja convincente no mundo atual. O diálogo não visa mudança das verdades e convicções que as igrejas possuem, mas a compreensão de cada igreja na sua verdade e em suas convicções. Essa compreensão é fundamental para progressos no diálogo doutrinal. As Sínteses “pedem maior atenção às realidades que geram divisões, como por exemplo a questão da convivência da Eucaristia”, bem como “as questões ecumênicas relativas às estruturas sinodais e aos ministérios na Igreja” (Secretaria Geral do Sínodo, 2022, n. 48). O consenso teológico entre essas e outras questões, dão melhor visibilidade à comum dignidade batismal e fortalecem “a comum missão ao serviço do Evangelho” (Idem, n. 22). E nesse processo, é possível que mudanças aconteçam, pois “O diálogo conduz-nos à novidade” (Secretaria Geral do Sínodo, 2021a, n. 2.3). Não são mudanças para que uma igreja se sinta melhor na doutrina da outra igreja, e sim que lhe permitam uma percepção mais ampla e mais profunda da vontade de Cristo para a sua Igreja. A comunhão entre as igrejas não se dará nas doutrinas, mas em Cristo, como afirma o diálogo católico-luterano: estamos “todos sob o mesmo Cristo” (Comissão Internacional Católica-Luterana, 1994, p. 693-701). E nesse sentido o espírito sinodal vivido ecumenicamente ajuda a vencer

a tentação do conflito e da divisão. “Que todos sejam um só” (Jo 17,21). Esta é a oração ardente de Jesus ao Pai, pedindo a unidade entre os seus discípulos. O Espírito Santo leva-nos mais profundamente à comunhão com Deus e uns com os outros. As sementes da divisão não dão frutos. É inútil tentar impor as nossas ideias a todo o Corpo através da pressão ou desacreditar quem sente as coisas de maneira diferente de nós (Secretaria Geral do Sínodo, 2021a, n. 2.4, item 7).

Assim, o diálogo ecumênico tem finalidade reconciliadora, unitiva, geradora de comunhão na fé e no seu testemunho no mundo atual. Busca uma igreja que abrigue as diversas concepções e vivências cristãs. Isso faz da unidade entre as igrejas “uma contribuição para a unidade da família humana” (EG, n. 245), de modo que o ecumenismo ajuda a “credenciar a comunidade cristã como sujeito credível e parceiro viável em percursos de diálogo social, cura, reconciliação, inclusão e participação, reconstrução da democracia, promoção da fraternidade e da amizade social” (Secretaria Geral do Sínodo, 2021b, n. 2).

1.3 O discernimento feito ecumenicamente

O terceiro pilar da espiritualidade sinodal é o discernimento. A espiritualidade sinodal é um exercício de discernimento das interpelações que o mundo faz à igreja e à sua missão de anunciar o Evangelho, de modo que “o sínodo é um caminho de discernimento espiritual, de discernimento eclesial” (Francisco, 2021). O discernimento acontece no silêncio, na oração, na contemplação, sob a condução do Espírito. Mas não é um processo apenas individual, ele é realizado também comunitariamente, na partilha com companheiros/as do caminho. Tal é o objetivo do processo sinodal: “proporcionar uma oportunidade para todo o Povo de Deus discernir em conjunto como progredir no caminho para ser uma Igreja mais sinodal a longo prazo” (Secretaria Geral do Sínodo, 2021a, n. 1.4). É o que possibilita perceber a necessidade de mudanças na igreja para que ela seja mais fiel a Cristo e ao seu Evangelho:

Este discernimento realizado em forma sinodal diz respeito, simultaneamente, à leitura dos sinais dos tempos e aos desafios particulares que o anúncio do Evangelho comporta em um determinado espaço humano, além da identificação dos caminhos que este anúncio do Evangelho tomará e a revisão das práticas pastorais e das estruturas eclesiais que isso exigirá (Routhier, 2016, p. 238).

O desafio é fazer o discernimento espiritual como um processo ecumênico, possibilitando às diferentes igrejas o entendimento dos caminhos para a unidade na fé em Cristo. Essa unidade se dá considerando os diversos contextos socioculturais e religiosos nos quais elas se situam. E “ninguém é solicitado a deixar o seu próprio contexto, mas sim a entendê-lo e a entrar nele mais profundamente” (Secretaria Geral do Sínodo, 2023b, n. 25). Tais realidades, e a própria missão de testemunhar o Evangelho exigem das igrejas o esforço para colocarem-se à disposição do Espírito que as orienta na compreensão do que Deus diz através dos sinais dos tempos, e aponta o caminho a ser seguido para serem fiéis à vontade divina para toda a humanidade hoje. Orienta o n. 24 do *Instrumentum Laboris*:

A nível local, emerge com força a importância do que já está sendo feito em conjunto com membros de outras Igrejas e Comunidades eclesiais, es-

pecialmente como um testemunho comum em contextos socioculturais que são hostis até o ponto da perseguição — este é o ecumenismo do martírio — e perante a emergência ecológica.

Portanto, o discernimento é um processo espiritual que busca identificar e distinguir as moções do Espírito na vida pessoal, eclesial e nas realidades humanas que interpelam a fé cristã e exigem uma decisão e ação. E assumido ecumenicamente, esse discernimento se dá pelo encontro e o diálogo entre as diferentes tradições eclesiais, encontro e diálogo que se tornam performativos e não simplesmente de comunicação. Claro, ele possibilita a comunicação mútua entre as igrejas, mas em um nível de profundidade que vai além da mera informação por ser comunicação da fé, como intercâmbio de compreensão e vivência do mistério de Deus, de Cristo, do Evangelho, do sentido do ser igreja; comunicação da vida, tomada na realidade cotidiana das pessoas e das comunidades, no entrelaçamento das questões econômicas, políticas e culturais que formam o tecido das relações sociais; comunicação do empenho missionário, razão de ser das igrejas (Comissão Teológica Internacional, 2018, n. 6). Desse modo, “o discernimento não é uma autoanálise presuntuosa, uma introspecção egoísta, mas uma verdadeira saída de nós mesmos para o mistério de Deus, que nos ajuda a viver a missão a qual ele nos chamou a bem dos irmãos” (GE, n. 175). Com o ensino do Papa Francisco, o discernimento ajuda a “esvaziar-nos, a libertar-nos daquilo que é mundano e também dos nossos fechamentos e dos nossos modelos pastorais repetitivos, a interrogar-nos sobre aquilo que Deus nos quer dizer neste tempo e sobre a direção para onde Ele nos quer conduzir” (Francisco, 2021).

O ecumenismo é um exercício de discernimento coletivo que envolve as igrejas em diálogo no esforço comum para compreender as causas da divisão e os caminhos de sua superação. Elas precisam identificar tanto o que precisa ser mudado em suas tradições, quanto o que precisa permanecer para alcançarem consensos na fé cristã. É esse discernimento que possibilita às igrejas em diálogo reconhecer os meios concretos para uma caminhada conjunta no testemunho do Evangelho, para que o ecumenismo não seja somente uma bela intenção. É um exercício exigente, que “não requer apenas uma boa capacidade de raciocinar e sentido comum, é também um dom que é preciso pedir” (GE, n. 166).

2 O método da conversação espiritual no caminhar ecumênico

O que tratamos até aqui sustenta a nossa tese de que como o método da “conversação espiritual”, “diálogo no espírito”, aplicado nos trabalhos do sínodo sobre a sinodalidade, pode ser utilizado também para as conver-

sações ecumênicas. O *Instrumentum Laboris* para a primeira fase do sínodo apresenta esse método como a “maneira particular” de a igreja proceder para discernir a vontade de Deus. Trata-se de compreender o diálogo como “uma dinâmica” de familiaridade causada pelo falar e o escutar, tendo o Espírito como “autêntico protagonista” (Secretaria Geral do Sínodo, 2023b, n. 33). Isso pode ser entendido ecumenicamente enquanto cria entre as igrejas “uma atmosfera que torna possível o partilhar das experiências de vida e o espaço para o discernimento” (Secretaria Geral do Sínodo, 2023b, n. 34) que possibilita concordâncias e consensos.

A conversão espiritual ou diálogo no Espírito caracteriza-se como um intercâmbio focado na qualidade da escuta e da fala, uma conversação séria, profunda e honesta sobre como se sente o Espírito suscitando a compreensão da fé e sua expressão em diferentes categorias, linguagens, instituições, projetos de missão. Com disposição para um discernimento comunitário das moções do Espírito, cada pessoa e cada igreja fala com humildade da particularidade da sua apreensão da verdade cristã e põe-se à escuta atenta da fala dos outros: “Esta Igreja não tem medo da variedade que comporta, mas a valoriza sem forçá-la à uniformidade” (Secretaria Geral do Sínodo, 2023b, n. 25). A base da conversação espiritual é a convicção de que o Espírito Santo fala a todas as pessoas/igrejas e que a escuta é no coração, o que “implica necessariamente uma certa forma de ouvir e uma certa maneira de falar” (Secretaria Geral do Sínodo, 2023b, n. 25).

Como aplicar tal método nas conversações ecumênicas? Entendendo que as convergências e os consensos entre as igrejas só progridem na medida em que acontecem no Espírito. Como protagonista do diálogo, o Espírito é quem possibilita o mútuo entendimento e a mútua acolhida entre as diferentes tradições eclesiais. O vemos nos três passos do método: a) primeiro, o ato de falar a partir das próprias convicções identitárias, das experiências de fé da própria tradição eclesial. Importante é que tal seja feito de forma orante, permitindo às igrejas entrarem numa atmosfera espiritual pela meditação silenciosa do que escutam. b) Assim, elas não entram logo numa discussão ou debate de ideias, mas de oração que ajuda para o segundo passo do método: cada igreja deixa ressoar em si o que ouviu da outra, o que a provoca interiormente e a desafia “intencional e cuidadosamente” (Secretaria Geral do Sínodo, 2023b, n. 38) a atender à voz do Espírito que fala pela outra igreja. Não busca reagir ou opor-se ao que ouviu, mas perceber que “os traços interiores que resultam da escuta [...] são a linguagem com a qual o Espírito Santo faz ressoar sua própria voz” (Secretaria Geral do Sínodo, 2023b, n. 38). c) Desse modo, dá-se o terceiro passo do método: identificar os pontos-chave que emergem e construir consensos que permitem cada igreja sentir-se fiel ao processo de diálogo e nele entender-se representada (Secretaria Geral do Sínodo, 2023b, n. 39). É mais que elaboração de um relatório ou elenco de temas tratados, é um exercício de discernimento atento às diversas vozes, não

apenas de consenso, mas também de divergências, cientes de que Deus é quem possibilita, com seu Espírito, progredir no entendimento mútuo.

A conversação espiritual no caminhar ecumênico exige, ainda, das igrejas a capacidade de darem dois passos fundamentais: o primeiro passo é compreenderem-se necessitadas umas das outras para um entendimento amplo e profundo dos mistérios da fé cristã: “Cada vez que os nossos olhos se abrem para reconhecer o outro, ilumina-se mais a nossa fé para reconhecer a Deus” (EG, n. 272). Concepções acerca da pessoa de Jesus Cristo, do seu Evangelho, do Reino, da Igreja e seus elementos constitutivos – como sacramentos, ministérios, estruturas – não são apreendidos de forma plena e definitiva nas teologias e doutrinas de uma só igreja, por mais que se entenda coerente com a proposta de Jesus presente nos Evangelhos. Essa proposta é captada por um processo hermenêutico, que acontece condicionado às condições de cada igreja. E nisso pode haver limites na interpretação dos Evangelhos. As igrejas precisam da colaboração mútua para a superação desses limites, “na convicção de que há uma influência do Espírito Santo no coração de todos os cristãos” (Martín, 2023). Assim, desenvolve-se um sentimento de admiração, de “maravilhamento” (Papa Francisco) pelo que Deus revela mediante outras experiências do Evangelho em outras comunidades de fé. Ensina o Papa Francisco sobre a importância de “recolher o que o Espírito semeou neles (membros das outras igrejas) como um dom também para nós” (EG, n. 246). A necessidade mútua é própria de quem se dispõe a caminhar junto, num aprendizado ecumênico do que é ser cristão e ser igreja, pois “o delineamento de um novo clima nas relações ecumênicas [...] impelem a uma renovada e aprofundada experiência do mistério da Igreja” (Comissão Teológica Internacional, 2018, n. 38).

O segundo passo é desenvolver uma nova forma de relação com a igreja de Cristo mistério, seu corpo místico. A igreja de Cristo não se exaure em nenhuma forma institucional. O Vaticano II ensina que a única Igreja de Cristo tem manifestações além das instituições católicas romanas (UR, n. 3; LG, n. 15), pelo que o Espírito as faz instrumentos de salvação para seus fiéis. O Papa João Paulo II ensina que Cristo tem uma “presença operante” (UUS, n. 11) também nas outras igrejas, de modo que “fora das estruturas católicas não existe o vazio de Igreja” (UUS, n. 13). Assim, mais do que entender a igreja pela identidade institucional, deve-se compreender a pertença a um corpo, a uma comunidade cristã mais ampla que uma tradição, com quem se faz comunhão na fé pelo Batismo em Cristo: “uma Igreja autenticamente sinodal não pode deixar de envolver todos aqueles que partilham o único Batismo” (Secretaria Geral do Sínodo, 2023b, n. 24). Tal consciência é o que possibilita um redimensionamento institucional da igreja, dando primazia e expressão à pertença a um corpo cristão maior, com quem se assume a responsabilidade de reconhecer, conviver e agir juntos na missão. E isso faz com que na catolicidade eclesial seja acolhida

a pluralidade das formas legítimas de vivência do Evangelho: “O processo sinodal tem sido uma oportunidade de começar a aprender o que significa viver a unidade na diversidade, um ponto fundamental a ser explorado, confiando que o caminho se tornará mais claro à medida que avançarmos” (Secretaria Geral do Sínodo, 2023b, n. 25). Assim, a espiritualidade sinodal está mais ligada ao ato de caminhar, do que à sua chegada. E vivendo-a na caminhada ecumênica, a meta da unidade buscada se desenvolve no caminho da busca, durante o processo do diálogo, de modo que a comunhão não é o fim do caminho ecumênico, mas sua realização.

3 *Um processo inacabado*

Como a espiritualidade sinodal diz respeito ao processo, ao modo de ser igreja durante a caminhada, também a comunhão entre as igrejas vai se construindo a partir das posturas, das atitudes, da forma que elas tomam posição, fazem opções, constroem projetos e os realizam. O caminho sinodal e ecumênico pode ser interrompido se no ato de caminhar não houver cuidado para já aí experimentar a unidade que se busca. Tal como o caminho espiritual é sempre inacabado, assim é também com a sinodalidade e o ecumenismo. Trata-se de uma “saúdável inquietação da incompletude [...] não é um problema a ser resolvido, mas um dom a ser cultivado” (Secretaria Geral do Sínodo, 2023b, n. 29). Sempre há como crescer mais, como qualificar a unidade cristã. Então, sinodalidade e ecumenicidade configuram o modo de ser igreja não apenas no presente, mas também no futuro. O ecumenismo é uma utopia que deve ser alimentada constantemente, na esperança de sua realização no tempo kairológico de Deus, que não coincide com o *chronos* humano.

Isso mostra que sinodalidade e ecumenicidade têm um quê de espontaneidade e gratuidade. São dons para a igreja, que só podem ser acolhidos no processo de escuta, de fala, de discernimento, decisão e vivência. Ninguém exerce o controle do processo sinodal e ecumênico como dom. Ele acontece no *kairós* divino e exige disposição das igrejas para educarem-se na paciência de quem sabe que os tempos de Deus nunca são os nossos, e na generosidade de quem se abandona à lógica da doação até dar tudo (GE, n. 174).

Portanto, como caminho espiritual, sinodalidade e ecumenismo não podem ser administrados de modo meramente racional, técnico, pragmático, e muito menos controlado ou dominado. Contudo, isso não tira das igrejas a responsabilidade de serem meios eficazes para a ação do Espírito. E como tal, precisam desenvolver instrumentos e processos coerentes com o dom da sinodalidade e da ecumenicidade. Tais são, por exemplo, os conselhos de igrejas, os diálogos oficiais, as tantas iniciativas das inúmeras organizações ecumênicas em todo o mundo cristão. Assim, o movimento

ecumênico estimula a recepção responsável do dom da unidade cristã. Mas sempre ciente que tal dom depende mais da graça que dos esforços que as igrejas podem, e precisam, fazer no processo ecumênico.

É nesse sentido que a sinodalidade e ecumenicidade são processos sempre inacabados, por pertencerem ao mistério da Igreja, à sua essência como caminho de aperfeiçoamento na santidade que testemunha o Evangelho fidedignamente. E nessa dinâmica supera-se a tentação egoísta de querer ditar o jeito de caminhar. Isso leva à divisão, às polarizações ideológicas, à violência contra as diferenças. A experiência ecumênica da caminhada aprofunda a experiência de Cristo que caminha com os discípulos. E assim supera-se a vontade de homogeneizar, uniformizar, criar um igualitarismo, o qual é um erro e empobrecimento da causa ecumênica. O Evangelho comum possibilita a valorização da outra igreja na sua diferença, no seu jeito de viver a fé em Cristo. E nisso, uma igreja não é melhor ou pior que a outra, mas diferente, vive na sua tradição de fé o nível da maturidade que conseguiu desenvolver em sua história. Mas aprofunda a própria história, reconhecendo riquezas e carências na compreensão da verdade e na vivência da caridade. Cada igreja que percorre o caminho ecumênico “confronta, honesta e destemidamente, o chamado para uma compreensão mais profunda da relação entre o amor e a verdade” (Secretaria Geral do Sínodo, 2023b, n. 27). A espiritualidade sinodal vivida ecumenicamente possibilita, então, uma abertura progressiva à pluralidade, integrando as diferenças que possibilitam um mútuo enriquecimento na caminhada de fé. Vive-se, assim, a verdadeira fraternidade eclesial sustentada na caridade e na solidariedade evangélicas que testemunham a obediência à vontade de Cristo: “sejam um” (Jo 17,21).

Conclusão

No processo sinodal, não há espectadores, mas protagonistas, todos os membros da igreja participam da caminhada, tomando parte ativa em cada passo dado. Assim é também com o ecumenismo, as igrejas precisam desenvolver juntas os esforços pela unidade, no espírito de companheirismo e corresponsabilidade em todos os passos do caminhar ecumênico. A espiritualidade sinodal contribui de um modo privilegiado para isso, despertando nas igrejas a disponibilidade para o encontro, a escuta, o discernimento comum. O método da conversação/diálogo espiritual cria as condições necessárias para que no interior de uma igreja exista a disponibilidade para escutar o que o Espírito diz através da outra igreja, para falar de modo a ressoar a voz do Espírito, para sentir-se segura no caminho da unidade na fé cristã. Assim, uma igreja pode sentir-se acolhida e valorizada por outra igreja, ambas discernindo os elementos de divisão, de convergências e de consensos na fé. E então a dimensão ecumênica do método sinodal, assumido pelas igrejas, ajuda uma igreja a nunca querer

ficar sem a outra igreja, nunca querer caminhar isoladamente no discernimento e na vivência do Evangelho (Neri, 2022).

Desse modo, a conversação espiritual sustenta a confiança mútua entre as igrejas parceiras do movimento ecumênico, superando o pessimismo e o medo de caminhar juntas, a tentação de não acreditar que outras tradições cristãs e eclesiais têm o que contribuir para a compreensão e vivência do Evangelho. Esse processo espiritual requer a coragem de decidir a integrar-se nos caminhos do diálogo, de dar passos que superem as resistências, os preconceitos e os medos que bloqueiam o caminhar ecumênico. Não adianta uma igreja fechar-se em trincheiras da ortodoxia, da disciplina, da obediência cega, da fé piegas sem inteligência. A espiritualidade sinodal e ecumênica estimula a *parresia* da fé que fortalece o otimismo, lança a igreja “em saída” para o encontro com outras igrejas e para testemunho comum da fé em Cristo no mundo atual.

Assim, o movimento ecumênico pode ser favorecido com o processo sinodal que ora acontece na tradição católica romana. O espírito sinodal confere vitalidade à aspiração pela unidade cristã como um ato de obediência ao Espírito que quer responder aos apelos, às vicissitudes, às necessidades da Igreja de Cristo e da sua missão no mundo atual. Nesse ato de obediência, as diferentes tradições eclesiais contribuem juntas para a credibilidade do Evangelho em nosso tempo, pois a unidade cristã é “para que o mundo creia” (Jo 17,23). E assim, o método da conversação/diálogo espiritual torna-se um fundamental instrumento para as igrejas discernirem os caminhos pelos quais Deus se manifesta à toda a humanidade. Isso já é um fato extraordinário, mas mais surpreendente é perceber que Deus convida as igrejas a fazerem, juntas, parte dessa história salvífica, como “sinais” e “instrumentos” do seu Reino de “vida em abundância” (Jo 10,10) no mundo atual.

Lista de abreviaturas

AA = Apostolicam Actuositatem

AG = Ad Gentes

CD = Christus Dominus

DH = Dignitatis Humanae

EG = Evangelii Gaudium

FT = Fratelli Tutti

GS = Gaudium et Spes

LS = Laudato Si'

NA = Nostra Aetate

PO = Presbyterorum Ordinis

UR = Unitatis Redintegratio

Referências

- BENNASSÀR, B. *Ética Civil e Moral Cristã em Diálogo*. Uma nova cultura moral para sobreviver humanamente. São Paulo: Paulinas, 2002.
- BRIGHENTI, A. A sinodalidade na projeção e na gestão pastoral. *Encontros Teológicos*, v. 37, n. 2, p. 339-354, mai./ago. 2022.
- CAMPROVÍN, P. M. "Introdução". In: GÓMEZ, J. A. C; JARRÍN, M. T. *The Culture of Encounter: international relations, interreligious dialogue and peace*. Salamanca – Stockholm: European Institute of International Studies Press, 2020. p. 15-17.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A Sinodalidade na vida e na missão da igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2018.
- COMISSÃO INTERNACIONAL CATÓLICA-LUTERANA. "Tutti sotto uno stesso Cristo". In: CERETI, G.; VOICU, S. J. *Enchiridion Oecumenicum*, v. 1. Bologna: EDB, 1994. p. 693-701.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2007.
- CZERNY, M. Uma igreja que "caminha junto": sinodalidade na era do papa Francisco. *Perspectiva Teológica*, v. 54, n. 1, p. 67-88, jan./abr. 2022.
- FAGGIOLI, M. Sinodalità come rinnovamento ecclesiale in Papa Francesco. *Cultura Teológica*, v. XXIX, n. 98, p. 67-80, jan./abr. 2021.
- FRANCISCO, Papa. Discurso na Vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais. *Vatican*, 18/05/2013a. Disponível em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html#:~:text=Vig%C3%ADlia%20de%20Pentecostes%20com%20os,de%20maio%20de%202013\)%20%7C%20Francisco&text=1%C2%AA%20pergunta%3A,e%20de%20todos%20os%20homens%C2%BB](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html#:~:text=Vig%C3%ADlia%20de%20Pentecostes%20com%20os,de%20maio%20de%202013)%20%7C%20Francisco&text=1%C2%AA%20pergunta%3A,e%20de%20todos%20os%20homens%C2%BB). Acesso em: 20 maio 2024.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013b.
- FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Fratelli tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Gaudete et exultate*. Sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.
- FRANCISCO, Papa. Homilia na abertura do sínodo sobre sinodalidade. *Vatican*, 11/10/2021. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/20211010-omelia-sinodo-vescovi.html>. Acesso em: 20 maio 2024.
- FRANCISCO, Papa. Homilia 'Por uma cultura do encontro'. Meditações na Capela Santa Marta. *Vatican*, 13/09/2016. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html. Acesso em: 18 maio 2024.
- FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Laudato Si'*. Sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

KASPER, W. *Vie dell'unità*. Prospettive per l'ecumenismo. Brescia: Queriniana, 2006.

MARTIN, O. "Assembleia Sinodal do Cone Sul reflete sobre a sinodalidade e a conversa espiritual, procurando caminhos comuns". *IHU Online*, 07/03/2023. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/626727-assembleia-sinodal-do-cone-sul-reflete-sobre-a-sinodalidade-e-a-conversa-espiritual-procurando-caminhos-comuns>. Acesso em: 19 maio 2024.

MÉNDEZ FERNANDEZ, B. La sinodalidade em perspectiva ecuménica. *Salman-ticensis*, v. 68, p. 265-300, 2021.

MENDOZA-ÁLVAREZ, C.; ANDRAOS, M.; COURAU, T.-M. Sinodalidades. *Concilium*, n. 390, p. 167-172, abr. 2021.

NERI, M. Sinodalidade: todos somos aprendizes. *IHU Online*, 28/07/ 2022. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/620742-sinodalidade-todos-somos-aprendizes-artigo-de-marcello-neri>. Acesso em: 20 de maio de 2024.

NÚÑEZ, A; SAÚCO, G. Presentation. In: GÓMEZ, J. A. C.; JARRÍN, M. T. *The Culture of encounter: international relations, interreligious dialogue and peace*. Salamanca – Stockholm: European Institute of International Studies Press, 2020. p. 13-15.

ROUGÉ, M. Première session du 'Synode sur la synodalité': une relecture théologique. *Nouvelle Revue Théologique*, n. 146, p. 108-124, 2024. Disponível em <https://www.nrt.be/fr/articles/premiere-session-du-synode-sur-la-synodalite-une-relecture-theologique-3899>. Acesso em: 04 jun. 2024.

ROUTHIER, G. La sinodalidad: dimensión constitutiva de la iglesia e expresión del Evangelho. *Concilium*, n. 390, v. 2, p.97-106, abr. 2021.

ROUTHIER, G. Il rinnovamento della vita sinodale nelle chiese locali. In: SPADARO, A.; GALLI, C. M. *La riforma e le rorme nella chiesa*. Brescia: Queriniana, 2016. p. 233-247.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *Vademecum para o Sínodo sobre a Sinodalidade* (2021a). Disponível em: https://www.synod.va/content/dam/synod/common/vademecum/pt_vade.pdf. Acesso em: 03 jun. 2024.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão — *Documento preparatório* (2021b). Disponível em <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2021/09/07/0540/01156.html#PORTOGHESEOK>. Acesso em: 03 jun. 2024.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *Documento de Trabalho da Etapa Continental*. 'Alarga o espaço da tua tenda' (Is 54,2) (2022). Disponível em <https://www.synod.va/content/dam/synod/common/phases/continental-stage/dcs/20221025-POR-DTC-FINAL-OK.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2024.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *Relazione di Sintesi della prima Sessione della XVI Assemblea Generale Ordinaria del Sinodo dei Vescovi (4-29 ottobre 2023) e risultati delle Votazioni*, 2023a. Disponível em <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2023/10/28/0751/01653.html>. Acesso, 04 jun. 2024.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *Instrumentum Laboris para a Primeira Sessão* (2023b). Disponível em https://www.synod.va/content/dam/synod/common/phases/universal-stage/il/PAGINATED_POR_INSTRUMENTUM-LABORIS-A4.pdf. Acesso em: 03 jun. 2024.

WOLFF, E. A ecumenicidade do sínodo sobre sinodalidade: uma análise das sínteses do Documento de Trabalho da Etapa Continental. *Pistis e Práxis*, v. 15, n. 1, p. 44-56, abr. 2023.

Artigo submetido em 08.06.24 e aprovado em 26.03.25.

Elias Wolff é doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Orcid.org/0000-0003-2479-2340 E-mail: p.eliaswolff@gamil.com

Endereço: Rua Alferes Poli, 3390 – Parolin
80220-051 Curitiba – PR

Editores: Márcia Eloi Rodrigues e Franklin Alves Pereira

